



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ÍTALA MORGANA SILVA LEITE

MEMÓRIA, PERSONALIDADE E INFÂNCIA NA OBRA DE CORA CORALINA

CAJAZEIRAS - PB

2017

ÍTALA MORGANA SILVA LEITE

MEMÓRIA, PERSONALIDADE E INFÂNCIA NA OBRA DE CORA CORALINA

Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Licenciatura em Língua Portuguesa da
Unidade Acadêmica de Letras do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lígia Regina Calado
de Medeiros

**CAJAZEIRAS – PB
2017**

Aos meus pais, dedico.

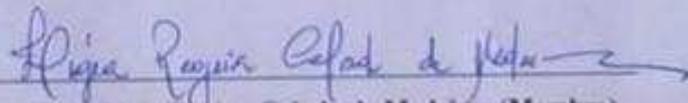
ITALA MORGANA SILVA LEITE

MEMÓRIA, PERSONALIDADE E INFÂNCIA NA OBRA DE CORA CORALINA

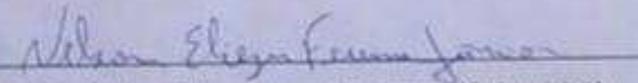
Monografia apresentada ao Curso de Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovado em: 04/05/17

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ligia Regina Calado de Medeiros (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Junior (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof. Dr. Marílio Garcia de Queiroga (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem ele nada seria possível.

Aos meus pais, que me deram a educação necessária e tiraram dos bolsos os recursos para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã, por ser compreensível comigo e com os problemas que surgiram no decorrer da vida.

Aos meus colegas de classe, pelas vitórias que conquistamos juntos.

Aos amigos, que me acompanharam na trajetória.

Aos professores, que nos auxiliaram na caminhada.

À Prof.^a Dr.^a Lígia Calado, pelas orientações necessárias.

À Prof.^a Dr.^a Erlane Aguiar, pela dedicação com toda a turma.

Aos leitores do meu blog, pela força que me passam.

À Cora Coralina, por deixar um lindo legado na arte.

**“Aninha hoje não nos pertence. É
patrimônio de nós todos, que nascemos no
Brasil e amamos a poesia.”**

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O presente estudo faz uma análise poética a partir das obras *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais* e *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* da escritora brasileira Cora Coralina. Para tanto, a pesquisa enveredou por estudos críticos sobre memória e poesia bem como por leituras de interesse na formação da personalidade, tendo em vista que este parece ser um dos pontos cruciais para a compreensão da poética de Cora Coralina. Como aporte teórico, selecionamos alguns autores que abordam teoria literária, poesia autobiográfica, memória e formação da personalidade, tais como: Moisés (1984), D'onófrío (2007), Remédios (2004), Bosi (1994), Filloux (1983), Piaget (1975) e D'Andrea (2001), dentre outros que são apontados no decorrer deste trabalho. Objetivamos com isso, discutir a respeito de como as memórias aparecem na obra de Cora Coralina, analisando como os versos da autora se assemelham a sua vida pessoal. Faz-se necessário estudos abordando vida e obra da autora Cora Coralina, sobretudo as obras já acentuadas anteriormente. É possível dessa forma que compreendamos como a autobiografia se faz presente na poética de Cora Coralina e o quanto sua infância influenciou na sua obra.

Palavras-chave: Poesia. Cora Coralina. Memória. Personalidade.

ABSTRACT

The present study makes a poetic analysis based on the literary works *Poems of Alleys of Goiás and More Stories* and *Copper Coin – Half Confessions of Annie* by Brazilian writer Cora Coralina. For this purpose, the research went through the critical studies about memory and poetry, as well as readings about personality formation, given that these are, maybe, one of the critical points to understand the Cora Coralina's poetic. We selected, for theoretical support, some authors whose works covers literary theory, autobiographical poetry, memory and personality theory. They are: Moisés (1984), D'onófrío (2007), Remédios (2004), Bosi (1994), Filloux (1983), Piaget (1975) and D'Andrea (2001). Beside these, others authors are presented throughout the text. With this study, we aimed to discuss how the memories show up in the Cora Coralina's work, With this study, we aimed to discuss how the memories show up in the Cora Coralina's work, analysing her verses and the way they are similar to her personal life. Further researches are needed in order to study the life and work of Cora Coralina, particularly the studies already mentioned in this text. In the light of these results, it is possible to understand how the autobiography is present in the work of Cora Coralina and how much her work was influenced by her childhood.

Key words: Poetry. Cora Coralina. Memory. Personality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA E PERSONALIDADE	11
2.1 Poesia autobiográfica	11
2.1.1 A memória na poesia autobiográfica	13
2.2 Infância e personalidade	15
3 CORA CORALINA	20
4 POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS	28
5 VINTÉM DE COBRE: MEIAS CONFISSÕES DE ANINHA	32
6 ANÁLISE DAS OBRAS	35
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, críticos, filósofos, sociólogos e historiadores buscam estudar a literatura nas suas várias expressões.

Moisés (1984), crítico literário, em sua obra *A criação literária: poesia*, faz referência a vários teóricos e filósofos que se debruçaram sobre o tema, a exemplo disso, Platão 348/3471 (a.C.), filósofo e matemático da Grécia Antiga que em sua obra *A república*, define, segundo os princípios de Sócrates, a arte literária como imitação da verdade (*mimese*). Para ele, a realidade estaria dividida em três graus: Em primeiro, estaria a criação divina; em segundo a imagem do objeto que se tem em mente, que já é uma imitação do primeiro, e por último a criação literária, que seria uma expressão do artista sobre aquilo que foi criado divinamente, logo mais imitado nos pensamentos e transfigurado para a arte concretizada.

Aristóteles 384/322 (a.C.), também de grande importância para os estudos filosóficos, complementou as ideias de Platão, afirmando que as expressões literárias são vistas como verossimilhanças, ou seja, possuem um vínculo com o real sendo uma representação do mesmo.

Pollock (1942), também citado por Moisés (1984, p. 28), afirma que a “literatura pode ser definida como o enunciado de uma série de símbolos capazes de evocar na mente do leitor uma experiência controlada”. Isto é, embora não igual a do escritor, é provocado ao leitor uma série de sentimentos e visões em torno do real.

A poesia, um dos gêneros mais antigos e talvez mais complexos no meio literário, é também uma das maneiras mais comuns de expressão da realidade, com exemplo dos gregos, que “[...] cultuavam seus poetas como os mais sábios dentre os homens, porta-vozes de seu panteão tradicional e do conhecimento das virtudes.” (SANTORO, 2007, p. 5).

Sendo a literatura um vasto campo de possibilidades, é possível que por vezes manifeste muito mais que apenas expressões ficcionais, posto que uma grande quantidade de poetas e cronistas tomaram fatos e memórias da própria vida como inspirações para seus escritos, como por exemplo Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade. Porém, achar “[...] que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la, é correr o risco de uma perigosa simplificação causal.” (CÂNDIDO apud OLIVEIRA, 2012, p. 28). Sendo assim, logo mais, no decorrer do trabalho, tentaremos esclarecer o sentido de autobiografia para a

literatura, que acontece de forma ficcional.

Cora Coralina é uma escritora nascida no século XIX e deixou um acervo de poesias a serem apreciadas e analisadas pelo seu público. Por ser uma autora que escreve sobre o cotidiano, a poetisa traz em seus versos um apreço imenso pela vida, pela cidade onde nasceu e pelas pessoas menos favorecidas e marginalizadas diante da sociedade. Na sua poética, narra também fatos tristes sobre a infância e adolescência, utilizando-se de recursos memorialísticos.

É sobre este último tema que tentaremos nos aprofundar, discutindo a respeito de como as memórias aparecem na literatura, e percebendo através das teorias apresentadas, como as lembranças descritas pelo eu lírico de Cora Coralina, se assemelham à vida pessoal da autora. Assim recorreremos às teorias sobre a infância e as personalidades que se formam a partir das primeiras fases da vida. Tomamos como base para análise deste trabalho as obras *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* e *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, sendo estas as suas duas primeiras publicações.

O interesse pela pesquisa teve início com a apresentação de dois trabalhos acadêmicos que tiveram como princípio a análise de vida e obra de Cora Coralina. Visto que a leitura das obras abre espaço para análises influenciadas por teorias psicológicas, foi possível que fizéssemos um elo entre literatura e psicologia no que se diz respeito aos escritos autobiográficos, comportamento humano e formação da personalidade.

A pesquisa articulada no contexto investigado se caracteriza como bibliográfica, com o propósito de analisarmos as poesias de Cora Coralina, mais precisamente nas duas obras já acentuadas, sob o viés de estudos nas respectivas áreas de literatura e psicologia.

Em termos estruturais, o trabalho de cunho mais teórico, é subdividido em estudos sobre memória e autobiografia, e estudos sobre infância e formação da personalidade, assim como também apresentação e análise das obras com base nas teorias propostas.

2 LITERATURA E PERSONALIDADE

2.1 Poesia autobiográfica

Para que possamos entender o sentido da palavra empregada, é preciso que primeiro

compreendamos o que seria um escrito biográfico. Segundo o dicionário Aurélio *on-line*, significa: “1. Descrição da vida de alguém; 2. Obra que faz a narração de frases da vida de alguém”¹, isto é, narração ou descrição de uma entidade.

Assimilando isso, a autobiografia pode ser compreendida como registros da vida de uma pessoa escritos por ela mesma. Segundo D'onófrío (2007, p.104, grifo da autora). “A palavra é um composto dos gregos: *Autos* (“próprio” ou “de si mesmo”); *bios* (“vida e biográfico”) e *graphein* (“escrever”).”

Em termos literários, autobiografia caracteriza-se no âmbito de que o poeta/autor utiliza-se dos próprios momentos vividos como temática para suas obras. Segundo Souza (2012) os primeiros registros autobiográficos na literatura estão presentes na obra *Confissões* de Santo Agostinho. Neste o autor fala da vida, do tempo e das formas de entender a Deus e o mundo segundo as suas condutas religiosas.

Souza (2012) afirma também que a autobiografia aparece após isso em várias outras obras de diferentes autores, no entanto, na literatura, esses escritos só passaram a ser mais recorrentes a partir do século XX, quando surgem os primeiros traços do modernismo no Brasil.

A nova escola literária trouxe os versos brancos e livres, temas diversificados e revelou grandes autores que se utilizavam da memória nos seus escritos. Memórias estas que muitas vezes são recuperadas do cotidiano real da vida dos autores. Carlos Drummond de Andrade, em uma entrevista cedida ao “Jornal de Letras” afirmou²:

Sinto-me um pouco sem assunto todas as vezes que alguém me pede para contar minha vida. Por dois motivos: primeiro, porque minha vida é realmente pobre de acontecimentos, do ponto de vista da história de quadrinhos, da biografia política ou pitoresca; segundo, porque o que há nela de assunto já está contado tão claramente em meus livros, que não sobra nada para a conversa. Se sobrasse, não deixaria de aproveitá-lo para mais alguns versinhos... Minha poesia é autobiográfica. Até nem sei como costuma fazer tanto barulho em certos círculos. Podem não gostar dela por ser má, porém incompreensível, é exagero. É uma confissão, talvez a primeira forma de uma obra literária, obra ainda em bruto, insuficientemente transformada em criação artística.

Assim como Drummond, diversos outros autores se incubiram a tarefa de escrever

¹ Dicionário Aurélio *on-line*. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 20. dez. 2016.

² A citação está disponível no site: Drummond: testemunha da experiência humana. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/drummond/vida/>>. Acesso em: 14. jan. 2015.

versos ou prosas tomando fatos da própria vida como inspirações na criação da arte literária. Não estamos a dizer aqui que as poesias autobiográficas contam apenas fatos da vida real do autor que as escreve, mas sim que de maneira criativa, o poeta se utiliza dos momentos vividos por ele próprio para essa criação. É o que Oliveira (2012, p. 27) vem chamar de *Eu-narrador-personagem-alter ego*, ou seja, o “[...] autor que se recria e se apresenta ao leitor na pele de um eu poético, figura fictícia utilizada como elemento de evasão para os seus devaneios, lembranças, sentimentos, espécie de ator de si mesmo”. E no esteio dessas informações, um exemplo claro são as obras de Cora Coralina, que recria em sua poética uma personagem chamada “Aninha” no intuito de lembrar os fatos vividos por ela mesma quando criança.

Conforme D’onófrío (2007) a autobiografia pertence à literatura de uma forma bem restrita, pois se o autor se limitar a escrever apenas fatos da própria vida de maneira formal, passará a ser um documento jornalístico e não mais literário. No segundo caso, o escritor literário faz uso dos recursos poéticos e consegue a partir de um eu lírico falar sobre os próprios sentimentos, lembranças e extravasamentos do próprio eu.

Desta forma, autor e eu lírico estão sempre unidos em um processo de criação, uma espécie de eu-outro, como frisou Remédios (2004, p. 280) ao dizer que:

O sujeito-autor em constante diálogo, mergulha na linguagem por meio da qual expressa suas ideias e sentimentos, mas também define sua identidade e o valor artístico do texto criado a partir da relação com o eu-outro que atesta a ficcionalidade das expressões do eu.

Neste caso, o eu-outro seria o que a autora chama de *persona*, utilizada pelo poeta para falar e escrever de acordo com a vida do mesmo.

Neste contexto, foi possível que percebêssemos, ainda que brevemente, a complexidade dos estudos que dizem respeito às poesias autobiográficas, uma vez que é preciso tomar cuidado quanto ao vínculo com a vida do autor.

2.1.1 A memória na poesia autobiográfica

Podemos a partir de então adentrarmos nos estudos sobre a memória na literatura e como elas apresentam-se nas poesias autobiográficas.

Inferimos que a memória é algo que faz parte de todos nós, que diante dos acontecimentos da vida, guardamos fatos que foram importantes para nosso crescimento físico e intelectual. Santo Agostinho em sua obra *Confissões* (1977) já conceituava a memória como aquilo que reflete o passado, ou seja, que nos faz lembrar de momentos tristes, alegres e temores recorrentes na vida. Este que afirmou que há coisas que gravamos no espírito, na alma, e por isso nos recordamos por toda uma vida. É evidente que todas as considerações feitas pelo mesmo foram pensadas em relação a Deus e à criação do mundo, mas são de suma importância para esses estudos.

Aqui nos debruçamos com maior vigor aos escritos literários memorialísticos feitos de maneira autobiográfica. Para Bergson (1959) citado por Ecléa Bosi (1994) existem dois tipos de memória: a memória hábito e a imagem-lembrança. A primeira seria quando o corpo guarda esquemas de comportamento do dia a dia, isto é, quando nossa mente memoriza hábitos corriqueiros, como escrever, andar, falar. Esta é adquirida com o esforço e a atenção devida; e a segunda, chamada de imagem-lembrança, são fatos vividos no passado e que por alguma razão ficaram na memória e poderão ser lembrados posteriormente por quem viveu, viu, ouviu, ou tomou conhecimento do acontecimento de alguma forma, como fatos da infância, adolescência, um evento importante.

É sob este segundo aspecto que podemos incluir os poemas autobiográficos, isto é, que tomam as próprias lembranças da vida como inspiração para escreverem suas obras literárias. Percebemos então que memória e autobiografia são dois campos que funcionam interligados.

Aproveitamos aqui para incluir também a distinção feita por Bosi (1994), pesquisadora de grande destaque nos estudos que dizem respeito à memória. Em uma de suas importantes obras *Memória e sociedade: lembranças de velho* destaca que existem dois tipos de memória: coletivas e individualistas. A primeira delas,

[...] se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. (BOSI, 1994, p. 408-411).

Isto é, as memórias coletivas são criadas a partir da socialização com outros membros da sociedade e implicam lembranças na mente do indivíduo que nesse caso é quem memoriza, “[...] e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para

ele, significativos dentro de um tesouro comum.” (BOSI, 1994, p. 411).

É bom lembrarmos que para os fatos coletivos acontecerem é preciso que vários membros estejam em socialização.

As memórias individualizadas, por sua vez, são para Bosi (1994) aquelas que por mais que aconteçam em conjunto, marcam cada membro envolvido de uma diferente maneira. Nesse ponto, diferentes membros vivem o mesmo momento, porém guardam diferentes recordações, e sendo assim é esperado que essas recordações tenham muito em comum ou sejam paralelas umas às outras. “Mas o que nos chama atenção são as diferenças de observações sobre o mesmo fato e essas lembranças em contraponto.” (Ibid., p. 413).

Parece comprovado que as memórias são fatos que ficam guardados em nossa mente e pertencem apenas a nós mesmos até que nos empenhamos em escrevê-las ou contá-las para outros. Em verdade, também é preciso perceber que essas memórias possuem muito da personalidade e identidade já inferida em nós.

Bosi (Ibid., p. 408) ressalta que as memórias individuais são aquelas que “[...] não tiveram ressonância coletiva, e se imprimiram apenas em nossa subjetividade. [...] fatos que embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós; e dizemos: 'só eu senti, só eu compreendi'”.

A memória como vimos, é um fator social e é implicado a nós desde a infância. Desta maneira a partir das primeiras fases da vida já herdamos a capacidade de guardar os momentos que vivemos individualmente ou em coletividade, assim como também utilizarmos no dia a dia, como exemplo a memória-hábito conceituada por Bergson (1959).

Através das transcrições memorialísticas podemos até mesmo conhecer do passado fatos que não pudemos presenciar, e no caso das transcrições autobiográficas, explorarmos sentimentos vividos por outros, apreendendo mais do social e do individual dos seres humanos. No caso das obras de Cora Coralina, a poetisa viveu entre os séculos XIX e XX e por meio das memórias escritas em versos, pode nos deixar estórias de um Goiás antigo e de costumes vividos por um povo.

2.2 Infância e personalidade

Faz-se necessário aqui, abordamos sobre as personalidades que são formadas a partir da infância e o que provoca certas mudanças nessa formação, para que com isso possamos posteriormente entender a influência do meio e da hereditariedade para a vida de Cora Coralina e conseqüentemente para a criação de seus versos.

A infância é uma das fases mais importantes da vida, nela aprendemos o que nos faz bem, entendemos um pouco dos sentimentos, começamos a dar nossos primeiros passos, a interpretar os acontecimentos da vida e formar o que chamamos de personalidade. Entendemos por meio disso que as primeiras fases da vida são de grande valia para a formação do que as pessoas se tornam no decorrer da vida.

Piaget (1975), renomado psicólogo e filósofo suíço conhecido por trabalhar com o raciocínio infantil, afirma que o indivíduo não é resultado apenas da hereditariedade como acreditavam o inatismo gestaltista em que as experiências do meio já estariam pré-formadas desde o nascimento. E não é resultado também de apenas fatos externos, ou seja, o meio, como afirmou a teoria Behaviorista. Para Piaget (1975), o comportamento humano, assim como a personalidade, é resultado de hereditariedade juntamente com o meio social. Concluiu assim que o desenvolvimento mental de cada indivíduo se desenvolve de maneira contínua no decorrer da vida e vão se modificando com as influências do meio.

D'Andrea (2001, p.10), pesquisador de grande relevância para os estudos psicológicos, afirma que a personalidade deve ser estudada “[...] através de dois prismas: um longitudinal, isto é, o da sucessão de diversas fases, do passado para o presente; e outro transversal, isto é, o dos comportamentos atuais sob as influências do meio”. Para o autor, a personalidade é o resultado de uma junção de hereditariedade com as influências do dia a dia.

Neste caso, a personalidade não está ligada apenas às emoções como também ao físico. D'Andrea (2001) cita assim os estudos de Freud, o pai da psicanálise, que iniciou dividindo a vida mental em duas partes: consciente e inconsciente. A parte consciente seria aquela que não trazia detalhes, ou seja, algo superficial, considerada insignificante. Já a parte inconsciente seria responsável por todos os instintos, isto é, tudo aquilo que movia o ser humano. Logo mais, ao aprofundar-se nesses estudos, Freud propôs então os conceitos de id, ego e superego.

Id seria o sistema original da personalidade e dele se originam os outros dois que não são possíveis existir sem a Id. Está relacionada às satisfações e ao prazer imediato. O que impulsiona os instintos do ser humano. “É a totalidade do aparelho psíquico do indivíduo ao

nascer e está voltado para a satisfação das necessidades básicas da criança no começo de sua vida.” (D’ANDREA, 2001, p. 12). O ego seria uma parte mais consciente, funciona sobre os princípios da realidade, não sendo impulsivo como o primeiro, “[...] aprende a controlar as demandas dos impulsos, decidindo se estes devem ser satisfeitos imediatamente, mais tarde ou nunca.” (Ibid., p.13). O último a se formar é o superego, que ficaria responsável pelo que seria uma ação correta ou não; seria o lado mais consciente da mente, o lado mais racional. As três partes não funcionam sozinhas, de maneira isolada, precisam trabalhar em conjunto e nenhuma é mais importante que as outras, se completam.

A afetividade, assim como o físico, tem muita importância para a formação da personalidade, e ambas estão interligadas. Segundo Sabini (SABINI, 1993, p. 47) "os pais que são hostis ou impacientes nos seus movimentos e postergam muito o atendimento às necessidades do bebê podem desorientá-los, criando ansiedade, medo de adultos e a sensação de isolamento e abandono”.

Notamos então que a presença de responsáveis é de suma importância para a criança nesse desenvolvimento, já que a personalidade de cada indivíduo se forma a partir de atitudes não só do mesmo, como também das pessoas com quem convivem diariamente. A criança confia nos pais e quando esses não atendem às suas necessidades ela passa a se distanciar e conseqüentemente a não confiar em ninguém, inclusive em si próprias.

Filloux (1983, p. 30) afirma que “é pela história dos comportamentos que é preciso explicar a formação da personalidade”. Define assim o comportamento como “O conjunto organizado das operações, selecionadas em função das informações recebidas sobre (*sic*) o meio, através das quais o indivíduo integra suas tendências”. (FOLLOUX, 1983, p. 29). O autor completa ao dizer que se a personalidade tem formação através do comportamento, o comportamento tem formação juntamente com a personalidade e que os dois fazem parte do mesmo conjunto, são portanto, totalmente interligados. Uma atitude leva à outra e alguns comportamentos podem ser explicados através de outros.

Sendo assim, a história pessoal de um indivíduo é composta de traços hereditários, dos comportamentos desenvolvidos através da efetividade e das condutas alheias, como também pelos comportamentos que vão sendo modificados no decorrer da vida.

Isto é, antes de nascer, quando ainda se encontram na barriga da mãe, os seres humanos já estão aptos à formação da personalidade. Segundo Filloux (1983) o útero é o lugar de aconchego em que a criança recebe os primeiros registros cerebrais, isto é, o bebê já

pode ouvir as vozes ao redor, assim como sentir as más e boas vibrações que a mãe transmite. Podendo se machucar também fisicamente se por um acaso isso acontecer com a mãe. Desta maneira,

Parece estar comprovado que o meio pré-natal assim definido possa ser traumatizante, responsável por características constitucionais perduráveis que afligem consideravelmente o desenvolvimento da personalidade e a vida inteira do indivíduo. (FILLOUX, 1983, p. 21).

Esses “traumas” influenciam por toda a vida, pois, nas afirmações do autor, estamos sempre aptos a descobrir traços da nossa personalidade pois “desde o nascimento, o ser humano jamais deixa de se conduzir” (Ibid., p. 29), passando a se encontrar, ou seja, descobrir fatos sobre si próprios e utilizando-os no decorrer dos dias.

Os pais são normalmente os responsáveis pela criança durante as primeiras fases após o nascimento. Nesse sentido, percebemos que eles se tornam influências diretas no nosso desenvolvimento mental, pois a “[...] maneira de criar os filhos são determinantes no processo de aculturação, na exata medida em que as experiências infantis estruturam indelevelmente a personalidade” (Ibid., p. 64).

São nossos pais que nos ensinam como andar, como falar, que nos apresentam os caminhos a serem traçados na vida e como esses caminhos podem nos afetar. É através dos diálogos que traçamos com os familiares que começamos a descobrir de fato como gostamos de nos portar, de nos vestir, entre outros detalhes que nos conduzem a ser o que realmente somos. É através dos outros que a criança descobre o próprio eu. Conseqüentemente:

A vivência emocional e a qualidade das experiências e dos laços afetivos são muito importantes para o desenvolvimento humano. As experiências nestes primeiros anos de vida são as que contribuem para que o ser humano estabeleça determinados padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções. (LIMA, 2001, p. 12).

É cabível dizer que os fatos mais marcantes de nossas memórias se encontram na infância. Assim, os diálogos que traçamos, os xingamentos que ouvimos e os carinhos que sentimos são de suma importância para a nossa vida adulta, já que são esses atos que nos levam a descobrirmos o que somos e o que gostamos de ouvir e falar. Conforme as pesquisas

de Filloux (1983, p. 64), “a criança tem necessidade de ser amada e aceita sem pesar as punições e frustrações desde que perceba essa afeição”.

Não queremos dizer aqui que as crianças que recebem as devidas punições, por fazerem malcriações ou algo do tipo, crescerão com uma má formação na personalidade ou odiarão os pais. Filloux (1983) explica que se elas sentirem afeto no dia a dia e entenderem que mereceram as devidas punições estarão aprendendo com isso a serem melhores. Mas ressalta que essas punições não devem vir de todos os membros da família e sim apenas dos responsáveis pela criança e que os pais devem ter consciência do peso desses castigos impostos.

Apesar dessa presença familiar ser de extrema importância para a criança ou para o adolescente, D’Andrea (2001) afirma que ambos desenvolvem a necessidade de pertencer a grupos na sociedade além dos pais. Assim como também sentem necessidade de liderança e aprovação diante dos professores, dos colegas da escola, dos amigos do bairro. O autor afirma ainda que “o ego passa a contemplar-se no espelho dos outros e a autoestima, nesta fase, depende das solicitações sociais que lhes são feitas” (D’ANDREA, 2001, p. 78), sendo assim, as crianças que não recebem a devida atenção, que são tachadas como fora do padrão de beleza, seja pelos familiares ou mais ainda por outros, podem desenvolver atitudes negativas sobre si próprios durante toda a vida ou mais ainda, retribuir essas atitudes para com outros. As ideias de D’ Andrea (2001), neste caso, estão em concordância com Filloux (1983) pois privilegia igualmente a autoestima e as influências que as opiniões de outros tem sobre a criança, mais ainda no adolescente, e por que não dizer dos adultos. Afirmam ainda que o ego de uma pessoa se forma através das relações no dia a dia.

Não há como negar que a sociedade age diretamente no comportamento do indivíduo. Uma criança que cresce em um ambiente familiar e social amoroso, alegre e vivo terá muito mais chances de tornar-se um adulto com essas mesmas características do que uma criança abandonada, rejeitada ou com alguns traumas mentais e físicos.

Mas esses comportamentos não são impostos apenas na infância, a fase da adolescência também é de muita importância para a formação da personalidade. Segundo Oliveira (2006, p. 447) "a adolescência corresponde à quinta crise normativa, definida em torno do conflito entre identidade e difusão de papéis." A autora cita ainda Carvalho (1996 apud OLIVEIRA, 2006, p. 447), quando afirma que a adolescência "[...] é uma etapa que impele o indivíduo a uma redefinição da própria identidade, ao avaliar sua inserção no plano

espaço-temporal, integrando o passado, com suas identificações e conflitos, ao futuro, com suas perspectivas e antecipações". Isto é, o indivíduo começa a se descobrir e modificar hábitos e perspectivas. Erikson (1976), psicólogo e pesquisador, afirma que o adolescente deve fazer uma integração entre passado, ou seja, tudo aquilo que já viveu e tomou como experiência, e sobre o futuro, isto é, as perspectivas que o indivíduo tem para tal.

Filloux (1983) diz que a cultura é um fator de bastante importância no comportamento do adolescente. Assim também acontece com os padrões impostos pelos grupos que envolvem a cultura onde está inserida esta criança ou o adolescente, pois “a ‘cultura’ se define, precisamente, como um conjunto de normas, de valores, de padrões de comportamento, que produzem o ‘modo de vida’ do grupo.” (FILLOUX, 1983, p. 59, grifo do autor). É, portanto, o modo de vida de uma sociedade. A cultura impõe comportamentos e pensamentos a um povo. “Uma cultura é o conjunto das maneiras de se conduzir, isto é, de se comportar e de pensar, que são consideradas necessárias dentro de um dado grupo.” (Ibid., p. 61).

Apesar da cultura unir um povo a um mesmo conceito, é preciso que o indivíduo se encontre em meio a essa aculturação, porém, quando o mesmo não está em concordância com esses padrões de comportamento, normalmente sofrem certos preconceitos diante dos outros.

É concludente que para entendermos a sociedade, a mente humana e as diferentes personalidades, é preciso muito mais do que conhecer o indivíduo, já que essas mudanças e transformações mentais vão muito além do físico ou do que é dialogicamente ressaltado pelo mesmo ou por outros.

Nos versos de Cora Coralina e na vida da mesma, podemos perceber traços psicológicos já frisados aqui, como é o caso da influência da cultura e mais ainda do convívio familiar.

3 CORA CORALINA

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas³, conhecida como Cora Coralina, um pseudônimo que a mesma escolheu, nasceu nas margens do Rio Vermelho, em 20 de agosto

³ Todas as informações bibliográficas sobre a poetisa, além de outras de interesse, foram retiradas do site do museu Casa de Cora Coralina. Disponível em: <www.museucoracoralina.com.br>. Acesso em: 12. fev. 2017.

1889, três meses antes da proclamação da república, na antiga Villa Boa de Goyáz, agora cidade de Goiás e no estado que leva o mesmo nome.

Filha de Francisco de Paula Lins Guimarães Peixoto, desembargador nomeado por D. Pedro II, e de Jacyntha Luíza do Couto Brandão Peixoto, 43 anos mais nova que o esposo. O pai de Cora vem a falecer no dia 15 de setembro de 1889, pouco menos de um mês depois do nascimento da menina. Em 1900, mudou-se para a fazenda paraíso, juntamente com a mãe, que cuidou sozinha das três filhas, já que ficara viúva pela terceira vez.

Cora Coralina não esconde dos leitores a dor de não ter conhecido o pai e mais ainda a falta que essa paternidade lhe fez durante toda a vida. Fala também da indiferença da mãe que após perder o marido se tornou um pouco mais amarga diante da vida e sobretudo da criação da menina. Sabendo disso, nas palavras de Denófrio (2012, p. 595) "Cora Coralina constrói versos autobiográficos em que nos fala fartamente dessa quadra dolorosa de sua vida em que sofreu a indiferença da mãe [...] a discriminação das irmãs e a insensibilidade de adultos da família." "Minha infância", talvez seja o poema mais forte e um dos mais conhecidos em que a poetisa ressalta seus traumas de infância. Como podemos observar no seguinte trecho:

Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalamado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam - diziam:
“- Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente.”
(CORALINA, 1980, p. 153, grifo da autora).

Cora Coralina sentia-se diante das irmãs e a da mãe uma pessoa de menor significância. Não apenas este, acima, como também vários outros poemas que serão retomados no decorrer da análise revelam essa angústia e solidão que o eu lírico expressa em vários momentos. Porém, a poetisa não se propõe apenas a falar sobre a infância. Falou também a favor das mulheres e dos discriminados. Sua poesia nos traz muito do cotidiano e da vida nas suas simplicidades. Citaremos aqui o poema “Mulher da vida”, incluso na obra *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*.

Mulher da Vida,
Minha irmã.
No fim dos tempos.
No dia da Grande Justiça
do Grande Juiz.

Serás remida e lavada
de toda condenação.
(Ibid., p. 189).

Neste poema, ela defende as mulheres da vida, ou garotas de programa como são conhecidas nos tempos atuais. Cora Coralina se utiliza até mesmo de passagens bíblicas para dizer que essas mulheres "precedem no Reino de Deus" assim como qualquer outro.

Mulheres, pobres, paisagens e tudo o que vivenciou, principalmente em Goiás, são temas presentes em sua poética e de uma infinidade de significados. Apesar de ter cursado apenas os dois primeiros anos do primário, Cora Coralina manifesta bastante inteligência e perspicácia na sua escrita, muitas vezes utilizando-se de palavras arcaicas, por ter convivido com os avós portugueses. A mesma afirma que a escola da vida a ensinou bem mais que os anos que estudou.

Iniciou suas leituras aos doze anos, quando a mãe assinava o jornal "O paiz". Lia também as correspondências da casa, tornando-se uma autodidata. Foi nesta época que a poetisa publicou seus primeiros escritos. Publicou textos no jornal "Rosa", em 1907, no qual ela mesma era fundadora em conjunto com mulheres como Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana.

A partir destas primeiras publicações, passou a publicar em outros jornais e apesar de receber aprovação dos organizadores, vários intelectuais repudiavam os escritos e a chamavam de "atrasada da Mestra Silvina" por ter cursado apenas os primeiros anos da escola. No ano de 1910, publicou o conto "Tragédia da Roça", no "Anuário histórico, Geográfico e descritivo do estado de Goiás".

A poetisa não viveu sempre na cidade onde nasceu. Passou boa parte da vida em São Paulo, pois ainda morando em Goiás no ano de 1910, conheceu um homem mais velho, chamado Cantídio Tolentino de Figueiro Bretãs, um advogado que já havia sido casado. Quando a mãe de Cora Coralina tomou a informação de que a menina queria se casar com um homem recém separado, um dos maiores tabus da época, planejou mandá-la para fora da cidade a fim de impedi-los. No entanto, rápida, decidida e com medo de não conseguir um bom casamento, fugiu da cidade em 1911, aos 22 anos de idade.

Cora Coralina teve seis filhos, sobrevivendo apenas quatro: a primeira, Paraguassu Amarillys Bretas, nasceu em 28 de maio de 1912, sendo provável que ela já estivesse grávida quando fugiu com o advogado; Dois anos depois, em 21 de fevereiro de 1914, nasceram os

gêmeos Cantídio Bretas Filho e Enéias Bretas, este que morreu cinco meses depois do nascimento. Em 30 de março de 1915 nasceu Jacyntha Philomena Bretas; e em 20 de Junho de 1917 nasceu prematura Maria Isis Bretas, morrendo também cinco meses depois do nascimento. Foi nesse mesmo ano que Cora Coralina comprou uma chácara e deu início ao cultivo e comércio de rosas.

Em 1919, publicou crônicas e poemas na revista “A informação goiana”, publicada no Rio de Janeiro. Um ano depois, em 1920, publicou um artigo dedicado a Monteiro Lobato no jornal do estado de São Paulo.

Em 1 de Julho de 1925, finalmente casou-se com Cantídio, e em 24 de setembro de 1927 nasceu então sua filha caçula, Vicência Brêtas Tahan, única viva no presente ano de 2017. No ano seguinte mudou-se para a Capital de São Paulo e participou em 1932 da revolução constitucionalista, aliando-se como enfermeira e costurando para os soldados. Doou inclusive sua aliança de casamento e ganhou assim o diploma, “Doei ouro para o bem de São Paulo”. Lutou ainda pela criação de um partido feminino, mas se dizia não ser feminista.

Em 2 de Abril de 1934, morre Cantídio Tolentino de Figueiro Bretas, esposo de Cora Coralina. A poetisa passa então a alugar quartos para estudantes e vender livros da Editora Olympio. Em 1936 sua mãe, que ainda morava em Goiás, vem a falecer, porém a poetisa não comparece ao enterro por questões financeiras. Foi também nesse ano que Cora Coralina se mudou para Penápolis-SP onde em 1938 abre uma loja de tecidos.

Em 1941, Cora Coralina muda-se novamente de cidade, desta vez indo à Andradina-SP. Na cidade abre uma nova loja de tecidos chamada de “Casa Borboleta” onde trabalhou por algum tempo virando chacarera logo em seguida. Ainda em Andradina passou a escrever para o jornal da cidade, usando o pseudônimo de Cora Brêtas. Lá candidatou-se a vereadora.

Em 1956, 45 anos depois de sua saída de Goiás, voltou à cidade natal, comprou e passou a morar na casa velha da ponte, hoje o museu Casa de Cora Coralina, inaugurado em 1989. A poetisa deparou-se então com um novo Goiás, pois as pessoas que habitavam o lugar já não eram as mesmas, as que nasceram depois da sua ida não a conheciam e a maior parte dos que a conheceram já haviam falecido ou mudaram-se para outros lugares, porém foi recebida ainda com bastante preconceito, pois sua história ficara conhecida no lugar.

Não dando importância para estes fatos, a escritora resistiu e permaneceu na cidade. Só no ano de 1965, aos 76 anos de idade, Cora Coralina publicou pela editora Olympio o seu primeiro livro, intitulado *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, que recebeu várias

críticas como a de Oswaldino Marques no artigo “Cora Coralina: Professora da existência”, no qual afirma que a poetisa “[...] às vezes semelha um desses anônimos mestres de arte toreuta estoriando em painéis inabaláveis a saga popular.” (MARQUES apud CORALINA, 1980, p.7). Em 1976 publicou o segundo livro intitulado *Meu livro de cordel* pela editora Cultura Goiana e em 1978 saiu a segunda edição de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, pela editora da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Nos anos que se sucederam, foram publicados ainda outros livros, tais como:

- ✓ *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* (1983);
- ✓ *Histórias da casa velha da ponte* (1985);
- ✓ *Os meninos verdes* (1986);
- ✓ *A moeda de ouro que o pato engoliu* (1987 - Póstumo);
- ✓ *O tesouro da casa velha* (1989 - Póstumo);
- ✓ *O pato azul pombinho* (2001 - Póstumo);
- ✓ *Villa boa de Goyaz* (2001 - Póstumo);
- ✓ *As cocadas* (2007 – Póstumo);
- ✓ *A menina, o cofrinho e a vovó* (2009 – Póstumo).
- ✓ *Doce e poesia* (2009 – póstumo);

A poetisa possui também vários outros prêmios, homenagens e considerações, em seu nome, expostos aqui conforme a cronologia:

- ✓ 1907, foi redatora do jornal “A Rosa”, juntamente com Leodegária de Jesus, Rosa Coutinho, Alice Santana e outras escritoras.
- ✓ 1980, seu nome foi incluído entre as dez mulheres do ano das letras nacionais, no Rio de Janeiro.
- ✓ 1981, recebeu o Troféu Jaburu do Conselho de Cultura do Estado de Goiás.
- ✓ 1982, Prêmio poesia do I encontro de mulher na arte;
- ✓ 1983, recebeu o título de Doutora Honoris Causa, da Universidade Federal de Goiás, Egrégio Conselho Universitário pela Reitora Maria do Rosário Cassimiro;
- ✓ 1984, recebeu em São Paulo o Troféu Juca Pato da União Brasileira de Escritores (UBE);
- ✓ 1984, prêmio de honra ao método do trabalho, da presidência da república;

- ✓ 1984 ingressa na Academia goiana de Letras, cadeira de nº 38;
- ✓ 1984, cria o dia do cozinheiro.

Cora Coralina vem a falecer em Goiânia, no ano de 1985, aos 95 anos, vítima de pneumonia. Pode escolher em vida os versos da sua lápide, por dizer que não queria nenhuma bobagem escrita.

Morta... serei árvore,
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.
Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.
Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.

O corpo da poetisa está sepultado ao lado do pai no cemitério São Miguel na cidade de Goiás.

Podemos contatar que Cora Coralina entrou tardiamente no mundo das Letras, porém, deixou seu legado para a história da literatura e apesar de sofrer muitos preconceitos na cidade onde viveu, podemos dizer que deu destaque a um Goiás antes pouco conhecido no restante do país.

Nas palavras de Teles (2001, p. 44) Cora Coralina, "transfigurada pelo fogo sagrado do verbo, incendiada pela emoção poética [...] dava a impressão de ser uma força vital, uma explosão da natureza, quando erguia-se trêmula, mas segura, para dizer seus versos."

A poetisa escreveu vários livros de poesia, crônica, contos e ensaios, que configuram hoje importantes elementos para o estudo literário com a escritora. Apesar de não se dizer feminista, tinha todos os traços para apoiar o movimento, hoje bem mais conhecido e aceito que na época em que viveu. Podemos comprovar isto na entrevista feita por Veras, no ano de 1984, quando Cora Coralina receberia o título de intelectual do ano e o troféu Juca Pato. A poetisa dizia que ganhar esse prêmio "significa[va] também a vitória da mulher, que sai do

seu apagamento e vem competir com os homens, levando a palma da vitória."⁴, ou seja, ressalta que a mulher está cada vez mais tomando espaço na sociedade e vem vencendo os preconceitos impostos pelo machismo. Constatamos isso também em grande parte dos seus versos, quando defende mulheres, até mesmo prostitutas e vence o preconceito de fugir com um homem recém separado, para uma cidade desconhecida lutando pelos objetivos e tomando atitudes que não eram comuns entre as mulheres da época. Nas palavras de Reis (2001, p. 121), “em seus poemas, seus textos e suas receitas, Cora transmite uma espécie de candura às vezes magoada e uma feminilidade que dita fortemente de qualquer tipo de feminismo que se possa a ela querer associar.” Percebemos que apesar de se dizer não feminista, traz em seus versos ou em entrevista uma visão da mulher bem distinta do que era imposto na época.

Notamos que a literatura de Cora Coralina nos faz transbordar em um mundo às vezes dolorido, no entanto com bastante perspicácia. Sua obra traduz garra, perseverança, possui temas diversificados e de muitas emoções. Nos versos do poema “Das pedras”, publicado na obra *Meu livro de Cordel (1998)*, percebemos que a poetisa usou as dificuldades da vida como inspirações para seus versos.

Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
E plantando flores

Entre pedras que me esmagavam
levantei a pedra rude
dos meus versos.
(CORALINA apud REIS, 2001, p. 121).

A poetisa escreve o que parece ser uma espécie de conselhos sobre a vida, quando faz em outro poema, também incluso em *Meu livro de cordel (1998)*, versos reflexivos.

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha um poema.
(Ibid., p.123)

Cora Coralina sendo doceira, fugindo na calada da noite para terras distantes, voltando anos depois, enfrentando preconceitos, não poderia usar metáforas mais significativas do que

⁴ A entrevista está disponível em versão escrita no blog “Blog do Consa: Cultura, arte e variedade”, disponível em:<<http://www.blogdoconsa.com.br/search?q=cora+coralina>>. Acesso em 12. Mar. 2017.

recomeçar tirando as pedras do caminho, recriando a vida plantando flores e fazendo doces, para ficar, aqui, na paráfrase de um dos seus versos mais belos.

Nas palavras de Drummond, Cora Coralina não foi somente uma boa poetisa, foi também uma "mulher extraordinária, diamante goiano cintilando na solidão e que pode ser contemplado em sua pureza". (ANDRADE apud CORALINA, 1984, p. 28). Drummond menciona ainda que a poetisa ao rememorar fatos de sua vida,

[...] não a ornamenta com flores falsas. [...] Lembra com amargura essas carências, esquecendo-se de que a tristeza infantil não lhe impediu, antes lhe terá preparado a percepção solidária das dores humanas, que o seu verso consegue exprimir tão vivamente em forma antes artesanal do que acadêmica.

Ao falar da infância Cora Coralina, como frisou Drummond, não oculta sentimentos, ao contrário, liberta em forma de versos as dores que carrega até a fase adulta. Para isso, utiliza-se de uma persona que nomeia por Aninha, apelido no qual a poetisa era conhecida quando criança, "e com ela [vai] adotar a primeira pessoa que narra, [... assumindo] a condição de transferência que possibilitará, seja pela repetição, seja pela atuação, abrir espaço para a recordação." (SIQUEIRA & CAMARGO, 2012, p. 59).

A personagem Aninha aparecerá por toda a obra da autora como a menina mal amada, mal nascida, surgida em meio a uma frustração da mãe, isto é, a escritora passa toda uma carga de sentimentos dolorosos para o eu lírico.

É na obra *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* que essa personagem aparece com mais vigor, pois é nesta obra que:

A autora, no que se refere ao binômio ficção e realidade, dá veracidade ao pacto autobiográfico de leitura [...] constituindo-se como narradora ao descrever os acontecimentos da vida de Aninha, protagonista e autora que imprime seu nome no frontispício da obra. (MELO, 2001, p. 153).

Não só em *Vintém de Cobre: Meias confissões de Aninha* como também em outras de suas obras, a exemplo de *Meu livro de cordel* e *Histórias da casa velha da ponte*, a personagem Aninha reaparece, porém com menos frequência que a primeira.

4 POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS

Cora Coralina, como já citado anteriormente, entrou tardiamente no mundo das letras, já que aos 75 anos publicava sua primeira obra.

Poemas dos becos de Goiás e estórias mais teve sua primeira publicação pela editora José Olympio em 1965 e reúne 36 poemas. Possui mais 19 publicações, a maior parte delas pela editora da Universidade Federal de Goiás (UFG), e já se encontra na sua 20ª edição, publicada em 2001 pela editora Global. Utilizaremos aqui a 3ª edição, publicada pela UFG no ano de 1980 e algumas notas impressas na 20ª edição pela editora Global no ano 2001.

Dando início pelo título da obra, podemos perceber o quão significativo foi a cidade de Goiás para a poetisa, que apesar de viver 45 anos em São Paulo não esqueceu as raízes e voltou para o lugar onde nasceu e criou-se. Voltou até mesmo a morar na casa da ponte que ganha logo mais o título em uma de suas obras: *Estórias da casa velha da ponte*, provando o quão importante foi o lugar para a vida da autora.

Em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, Cora Coralina fala de sentimentos diversos, porém a maior parte da obra é dedicada às memórias da poetisa sobre a cidade de Goiás. Além disso, escreve poemas sobre a infância e como se sente em relação à vida.

As palavras da poetisa impressas aos leitores no prefácio da obra, dizem muito a respeito dos poemas que compõem a obra.

Alguém deve rever, escrever, e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso.

É o que procuro fazer, para a geração nova, sempre atenta e enlevada nas estórias, lendas, tradições, sociologia e folclore de nossa terra.

Para a gente moça, pois, escrevi este livro de velhas histórias. Sei que serei lida e entendida. (CORALINA, 1980, p. 33).

Com versos autobiográficos, Cora Coralina extravasa os sentimentos através de um eu lírico às vezes entusiasmado, mas com a vida cicatrizada pelas dores da alma. No poema “Ressalva”, incluso na primeira parte da obra, a poetisa escreve:

Este livro:
Versos... Não.
Poesia... Não.

um modo diferente de contar velhas histórias.
(Ibid., p.31).

Com um modo diferente de contar velhas histórias, o livro é dividido em três partes: Na primeira, encontram-se versos mais pessoais em que a poetisa descreve sentimentos do próprio "eu", narrando o cotidiano do eu lírico, os sentimentos, faltas e frustrações do dia a dia, falando da infância e adolescência; Na segunda parte encontram-se versos mais coloquiais. Sobrepõem-se os traços de Goiás e de suas ruas cheias de histórias. Por último encontram-se os versos mais ligados ao social. Notamos nesses textos que o eu lírico defende os menos favorecidos, com o intuito de dar voz a quem não teve oportunidade. "Vozes essas que seriam perscrutadas no lixo, no sujo e essencialmente nos becos da Cidade de Goiás. Aliás, beco que tem um papel de primordial importância para a poética de Cora Coralina." (ANJOS, 2013, p. 31). Além de dar essa voz, é como se o eu lírico mostrasse entendimento das dores causadas por uma sociedade com pensamentos conservadores. Nas palavras de Ramos (2001, p. 11):

Cora Coralina - autora - prometeu algo diferente ao leitor, e cumpriu tudo - em forma e conteúdo: histórias, lendas, tradições, sociologia, folclore de nossa terra e história, com uma delicadeza de mulher, um bom humor de mulher pura e uma timidez de mulher sábia - miniaturista de mudos idos, que se revela - intimidades pessoais e sociais que ela assim eternizou.

A própria poetisa se dizia escrever sobre o social e a vida, afirmando não separar vida e poesia. Podemos comprovar isso em um texto publicado pela revista "Análise", em que fala sobre seus versos e o Modernismo de 22 do qual afirma não ter participado. Existem boatos de que Cora Coralina não participou da Semana de Arte Moderna por impedimento do esposo, mas esse fato não tem nenhuma comprovação. Vejamos as palavras da poetisa:

Eu só me libertei da dificuldade poética depois do modernismo de 22, mas **não acompanhei o movimento**. Não sei como – não posso explicar como me achei dentro daquela mudança. Em primeiro lugar, poesia para mim é comunicação; em segundo lugar é invenção, porque só o gênio cria. Hoje nós temos que achar a poesia na realidade da vida e a vida toda é poesia. Porque onde há vida, há poesia. Poesia para mim é um ato visceral. É um impulso que vem de dentro e se eu não obedecê-lo me sinto angustiada. (...) Todo o poeta é meu preferido. Gosto dos poetas de 22. Mas para mim o fundamental é a poesia que busque inspiração na realidade. Não suporto os poetas do imaginário que fazem sua arte do caracol das palavras. REVISTA ANÁLISE, apud, BRITTO, 2006, p.41, grifo do autor).

Apesar de se dizer não participante do movimento modernista, há vários traços na obra da poetisa que nos remete ao que convencionalmente faziam parte da estética do movimento. Segundo Denófrio (2004, p.19), Cora coralina,

[...] mesmo estreando como poetisa aos 76 anos, apresenta uma poesia com algumas daquelas inconfundíveis marcas do Modernismo brasileiro. Libertária por temperamento, sua poesia só poderia mesmo assumir este rosto. Jamais tolerou a métrica e, se chegou a usar a rima, não o fez de modo convencional, uma vez que sua alma reclamava mais esta liberdade — a criadora —, carro-chefe da estética de 22.

Oswaldino Marques, grande poeta, ensaísta e tradutor brasileiro, ao ter acesso à obra dedicou-lhe um artigo intitulado “Cora Coralina: Professora da existência”, anteriormente mencionado, e que passou a ser incluso no prefácio das edições seguintes, em que falava sobre a relevância da obra e sugeria ser dada mais importância a mesma.

Sei que Cora Coralina assiste, serena, ao acaso de sua digna existência. Por que a colônia goiana do Distrito Federal, que congrega artistas, poetas, jornalistas, professores, tanta gente de sensibilidade, não vai em caravana convidar a admirável poetisa para receber as homenagens da capital do país? (MARQUES apud CORALINA, 1980, p. 11).

É visível a admiração de Marques e de outros autores pela obra de Cora Coralina. Porém, apesar de receber diversas críticas, edições e ser reconhecido no mundo literário, é necessário lembrar que todo esse sucesso se deu ao interesse de Carlos Drummond de Andrade, que ao ter acesso a obra mandou-lhe uma carta, dirigida à poetisa em 14 de julho de 1979 e em que dizia:

Cora Coralina. Não tendo o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo o carinho, toda a admiração do seu Carlos Drummond de Andrade.
(ANDRADE apud CORALINA, 2001)⁵.

Aninha, como era conhecida, respondeu-lhe em 02 de setembro de 1979:

Carlos Drummond de Andrade. Meu amigo, meu Mestre. Com alguma demora no recebimento de sua mensagem e maior da minha parte, vai aqui na pobreza deste papel de que só vale o branco, meu agradecimento aquele que de longe e do alto

⁵ A citação está disponível no site: Minibibliotecaldas. Disponível em: <<http://caldasminibibliotecas.blogspot.com.br/2014/06/a-doce-cora-coralina.html>>. Acesso em 13. Mar. 2017

atentou para a pequena escriba, sem lauréis e sem louros, sem referências a mencionar. Sua palavra, espontânea e amiga, fraterna veio como uma vertente de água cristalina e azul para a sede de quem fez longa e dura caminhada ao longo da vida. Abençoado seja o homem culto que entrega ao vento palavras novas que tão bem ressoam no coração de quem tão pouco as tem ouvido. Despojada de prêmios e de lãureas caminha na vida como o trabalhador que bem fez rude tarefa, sozinho, sem estímulos e no fim contempla tranqüilo (*sic*) e ainda confiante atulha vazia. Meu Mestre. Meu Irmão. Que mais acrescentar? Eu sou aquela menina despenteada e descalça da Ponte da Lapa. Eu sou Aninha.⁶

A poetisa trocou correspondências com Drummond até 1983. O poeta continuou a promovê-la, até que outros escritores e críticos foram tomando conhecimento dos seus versos, como Arantes (apud CORALINA, 1980, p. 23), que lhe dedicou o poema “Cora Coralina” do qual o trecho abaixo foi retirado.

Cora Coralina, mulher, anciã
Entre dores e poemas,
Tempo, desencanto, penas
O que vislumbra no horizonte
Da velha casa da ponte?
Espera alguém que ajude? ...
Com carinho, solicitude?
Um pouco de conforto, paz?

Além de Drummond, Coralina trocou correspondências com outros autores importantes como Jorge Amado e Zélia Gattai. Recebeu várias críticas.

Aninha dos goiases, como chamou-lhe Drummond, traz não só em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, como também nas obras que as sucederam um leque de reflexões e sentimentos envolvidos em torno de uma menina pequena e muitas vezes sozinha, ou de uma mulher crescida em meio às dores e dificuldades, que escreveu versos que tocam a alma dos que conhecem sua obra.

⁶A carta está disponível no site do museu Casa de Cora Coralina, disponível em:<www.museucoracoralina.com.br>. Acesso em: 12.fev.2017.

5 VINTÉM DE COBRE: MEIAS CONFISSÕES DE ANINHA

Sendo a segunda obra da poetisa, *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* teve sua primeira edição no ano de 1993 e já se encontra na 10ª edição, pela Editora Global publicado em 2013. Utilizamos aqui a 2ª edição publicada pela editora UFG no ano de 1984.

O livro é composto por 74 poemas e assim como o primeiro é dividido em três partes nomeadas de “Livro I: meias confissões de Aninha”, “Livro II: Ainda Aninha” e “Livro III: Nos reinos de Goiás e outros”. Apresenta um estilo informal, tanto no modo de escrita como na estrutura dos poemas, que são escritos em versos livres e brancos, assim como toda a obra da poetisa. Grande parte dos poemas são dedicados às memórias da infância e da adolescência do eu lírico, porém, há neste também, vários versos dedicados a Goiás.

É nesta obra que Cora Coralina se debruça com maior vigor à personagem Aninha, determinante no processo de criação como um autor-personagem, o que Remédios (2014) vem chamar de eu-outro. Para a autora a poetisa se utilizou de uma personagem fictícia no intuito de expressar sentimentos vividos por ela mesma em um determinado momento da vida, isto implica dizer que a obra é resultado de uma autobiografia fictícia, ou seja, a poetisa "reescreve sua história dando pistas de seus sentimentos." (SIQUEIRA & CAMARGO, 2001, p. 254).

A própria poetisa se declara uma escritora autobiográfica, quando nas primeiras páginas da obra escreve:

É um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer ordenar um livro.
Tumultuado, como foi a vida daquela que o escreveu.
Conseqüente. Vai à publicidade sem nenhuma pretensão.
Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me engasgavam
E precisava sair.
É um livro das conseqüências .
De conseqüências.
De uma coisa estou certa, muitas dirão: essas coisas também se passaram comigo.

Este livro foi escrito no tarde da vida
Procurei recriar e poetizar.
Caminhos ásperos
De uma dura caminhada.
Nos reinos da cidade de Goiás, onde todos somos amigos do Rei.

(Parodiando M. Bandeira)
(CORALINA, 1984, p. 33, grifo da autora).

Cabe aqui lembrarmos as palavras de D'onófrío (2007) quando revela que a autobiografia pertence à literatura de maneira estrita, pois o escritor literário se utiliza de um personagem para funcionalizar momentos vividos por ele mesmo. Cora Coralina expressa através desse *alter ego* sentimentos que ela mesma pode sentir, "recriando duras caminhadas".

Esta maneira de recriar duras caminhadas de princípio não foram bem vistas pela crítica, como podemos atestar as palavras de Britto (2009, p. 4, grifo do autor).

A crítica, em Goiás, após a estréia de Cora Coralina em 1965, naturalmente muito antes de ela ser proclamada por Drummond, em 1980, como a pessoa mais importante de nosso estado (a partir de quando o que se ouviu foi o silêncio), fez restrições ao tom lírico narrativo de seus poemas. Quase todos os críticos, quando não lhe torciam o nariz, batiam na mesma tecla: 'é mais prosadora, do que poeta'.

Mesmo tomando conhecimento disso, Cora Coralina continuou a escrever, dizia ainda não estar procurando "a fama" e sim apenas encontrando diferentes maneiras de contar velhas estórias.

A começar pelo título da obra, ressaltamos que "Vintém de cobre", na época, era a moeda de menor valia, não comprava nem ao menos um doce. Isto é, a poetisa, já pelo título, nos apresenta uma mulher com fragilidades, e que se punha ao nível de uma moeda sem valor, como podemos observar no poema "O cântico de Aninha", exposto nas primeiras páginas da obra.

Vintém de cobre...
Antigos vinténs escuros.
(De cobre preto foi batizado)
Azinhavados.

Ainda o vejo,
Ainda o sinto,
Ainda o tenho,
na mão fechada.

Moeda triste, escura, pesada,
da minha casa,
da minha terra,
da minha infância,
da gente pobre, daquele tempo.

Tudo velho, gasto, conservado,
empoeirado, pelos cantos.
Levados para o depósito do velho sobradão.

(CORALINA, 1984, p. 35, grifo da autora).

Percebemos que de início a personagem Aninha já menciona as tristezas da infância, fala da antiga moeda como quem recorda um passado conturbado e sem muitos privilégios.

A obra traz no prefácio uma das cartas escritas por Drummond, e endereçadas à Cora Coralina.

Seu Vintém de Cobre é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida. (ANDRADE apud CORALINA, 1984, p. 17).

Com isso Drummond dá uma significância maior ao antigo vintém que Cora Coralina fala em sua obra. É perceptível que a poetisa a todo o momento se compare a essa moeda, sendo assim, Drummond utiliza-se de metáforas para elogiar a obra e a escrita da poetisa.

Ainda no prefácio da obra os leitores podem ter acesso a algumas críticas como de Oswaldino Marques e Lena Cartello Branco Ferreira Costa, que comentam a respeito da obra, assim também como um breve histórico da cidade de Goiás.

Conforme Melo (2011, p. 22) "para Cora Coralina, leitura, literatura e memória são fortes aliadas. Toda sua obra é fundada na reconstituição de um percurso existencial centrado na sua relação com os afetos, com o trabalho, com a linguagem, com o saber [...]". podemos atestar isso durante toda a obra quando a escritora se põe de maneira poética e memorialística narrando fatos do dia a dia.

6 ANÁLISE DAS OBRAS

As narrativas memorialísticas estão presente em toda a obra de Cora Coralina, porém, como já mencionado, nos dedicamos às duas primeiras: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1980) e *Vintém de cobre: meias confissões de aninha* (1984), para tentarmos entender a maneira que a infância da poetisa vai sendo recuperada através dos versos, que nas palavras de Siqueira e Camargo (2012, p. 57), seriam um acertar de contas com o passado. Pelo o que afirmam se a poetisa

[...] se propõe realizar tal tarefa, é porque o vivido ainda causa algum mal-estar ou foi vivido como não deveria ser, segundo o olhar do sujeito que lembra. Algum ressentimento perpassa o presente da obra e precisa até mesmo ser de novo sentido, para assim passar por uma resolução e pelo esquecimento.

As autoras falam ainda de um lembrar para esquecer, no qual a poetisa resolve colocar para fora tudo o que ainda dói por dentro, para que com isso consiga se libertar das dores que essas lembranças trazem. As ideias das autoras estão em conformidade com as de Zagury, que ressalta:

O memorialista, de certa forma, volta à infância porque já a superou totalmente: é a emoção dessa superação que o faz revivê-la. O ficcionista não supera a infância – integra-a na vida adulta. Mas, como podemos fazer essa distinção em termos absolutos, se inúmeras vezes o escritor é ficcionista e memorialista? [...] A infância superada se expressa em memorialismo, a não superada em ficção (ou em poesia, ou em qualquer outra forma de arte cujos conteúdos possam ser simbólicos). Entretanto, há muitos outros condicionamentos para o ato memorialístico. Este é apenas um deles – se fosse o único ou absoluto, não seria possível deixar de escrever memórias, pois todos temos uma infância superada para a qual nos debruçamos emocionados e uma infância integrada e presente que mal distinguimos, mas comanda uma boa parte da nossa vida. (ZAGURY, 1982, p. 113–114).

Talvez por isso Cora Coralina se dedique a escrever sobre a infância e adolescência, e até mesmo quando fala da vida adulta faz sempre referências às primeiras fases da vida.

A antiga Villa boa de Goyáz e os anos vividos na cidade Goiás são os principais focos da literatura de Cora Coralina. A cidade aparece principalmente na primeira obra, porém é sempre retomada em todas as que a sucedem. A exemplo disso, tomemos os primeiros versos do poema “Minha cidade”:

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando
saindo
uma das outras,
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.
(CORALINA, 1980, p. 37).

A escritora parece de fato querer retomar o passado através da poesia quando se apresenta dando a entender que Aninha, a "menina feia da ponte da Lapa", voltou à cidade para lembrar o que viveu, como se dissesse: "estou de volta às tuas ruas, estou de volta às lembranças do passado". Quanto a isto, Siqueira e Camargo (2012, p. 60) afirma que:

O cantar a sua infância ou as experiências reprimidas de sua vida adulta constitui uma forma que está à disposição da poeta, para que ela possa ir esquecendo ou elaborando, pela palavra, o que deseja superar. Exige-se nesse gesto que o sujeito que recorda se implique, pois só assim poderá realizar a sua elaboração.

De fato no decorrer da obra, o eu lírico vai contornando os momentos vividos pela cidade a fim de lembrá-los. Nos versos do poema "Becos de Goiás", escreve como quem se declara de maneira um tanto conturbada, mas verdadeira.

Becos da minha terra...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lado negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo podre,
calçado de ouro a sandália velha,
jogada no monturo.
(CORALINA, 1980, p.79).

Ainda neste poema o eu lírico se põe a passear pela cidade citando nomes de lugares e pessoas que habitavam Goiás antes de sua partida à São Paulo. Assim também ocorre em outros poemas como: "Velho sobrado", "Rio vermelho", "O palácio dos arcos" e "Caminho dos morros".

Sendo assim, é comum ao ter acesso às obras que o leitor se depare com vários lugares e personagens que vão surgindo e se repetindo durante a leitura. Talvez uma das personas

mais significativas para as obras, seja a bisavó do eu lírico, que aparece em vários poemas sempre como uma pessoa amável, cuidadosa e muito ligada aos costumes da época. A exemplo disto, podemos nos referir ao poema “Prato azul pombinho”, incluso na obra *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*.

Era uma estória minuciosa.
Comprida, detalhada.
Sentimental.
Puxada em suspiros saudosistas
e ais presentes.
E terminava, invariavelmente,
depois do caso esmiuçado:
“- Nem gosto de lembrar disso...”
É que a estória se prendia
aos tempos idos em que vivia
minha bisavó.
(CORALINA, 1980, p.35 grifo da autora.)

Seus versos tratam a respeito de um prato que por ser o último existente de um aparelho de louças originário da China e ter perpassado por várias gerações na família, possuía bastante valia. O prato trazia em sua decoração desenhos que retratavam cenas de pessoas e paisagem da China. As cenas eram, segundo a bisavó, de uma lenda oriental e representava a história de uma princesa chamada Lui, que viveu na China um amor proibido com um plebeu. O casal teve que enfrentar várias barreiras, incluindo familiares que não apoiavam o romance. O eu lírico se mostra entusiasmado com a história, porém narra que a bisavó deixou ao final um suspense por não dizer se os dois foram felizes ou não.

A poetisa dá a entender que sua narrativa tem fim nesse momento, porém, algumas páginas depois com o título “Estórias do prato azul pombinho” a narrativa é retomada. Neste, o eu lírico conta novamente a estória e revela que certa manhã o prato aparece quebrado e a bisneta é declarada culpada e submetida a pagar um castigo comum da época: usar um colar com os cacos do objeto quebrado correndo o risco de cortar no pescoço.

Após o poema, Cora Coralina em uma nota que tem por subtítulo “De como acabou, em Goiás, o castigo dos cacos quebrados no pescoço” esclarece que após a morte de uma criança, que ao cumprir o castigo teve o pescoço cortado, ao invés de fazer um colar com todos os cacos, seria feito com apenas um pedaço do objeto quebrado. Ao final justifica:

Foi assim, com o sacrifício da menina Jesuína, desaparecendo em Goiás o castigo

exemplar de cacos quebrados no pescoço. Quando chegou a minha vez já era só um caco.

No meu sono de criança, tinha a sensação de uma sombra debruçada sobre mim. Era minha bisavó ajeitando o caco, tirando para fora da coberta.

Não fosse acontecer com Aninha o que acontecera com a menina Jesuína, cria de Dona Jesu. (CORALINA, 1980, p. 74).

Com essas últimas palavras, a poetisa revela que a bisavó apesar de dar-lhe o castigo, tinha consciência do perigo que possuía o objeto quebrado e tinha medo que acontecesse a Aninha o mesmo que acontecera à menina Jesuína. Por meio disso, o eu lírico justifica não somente o que levou à diminuição do castigo como também às atitudes da bisavó, que seguia os costumes da época, mas tinha total afeição pela bisneta, tendo assim medo de perdê-la.

Outro poema em que aparecem memórias envolvendo a bisavó é “Na fazenda paraíso”. Neste, o eu lírico faz um passeio pela infância, relatando sobre a vida na fazenda, onde vivia a bisavó e os tios. Em todos os momentos que a matriarca é citada é perceptível grande respeito por ela, seja porque o tempo exigia isso, seja pelo aconchego que a anciã proporcionava à menina.

Outras figuras aparecem diversas vezes nos poemas das duas obras como o Frei Germano, Mestra Silvina, Tio Jacinto e alguns colegas de classe.

A imagem dos pais é também muito constante na obra foi possível observar que na maior parte desses poemas o eu lírico se utiliza de versos carregados de ressentimentos. Nas palavras de Siqueira e Camargo (2012, p. 59):

Pelo tom de ressentimento em relação aos adultos, [...] percebemos que não foi permitido a [*sic*] Cora, como não era permitido a nenhuma criança de sua época, crescer em liberdade. Por isso, na velhice, ela busca bordejar, através da poesia, essa falta.

Por conta disso Aninha se põe a todo o momento como uma criança desprovida de afetos e regalias. No poema “A mana”, ao falar sobre as crianças o eu lírico nos mostra claramente como eram os costumes da época em respeito à criação dos filhos.

Quanto mais enérgicos e ríspidos fossem os pais,
maior soma de elogios e gabos captavam, avantajados
na aura dos louvores.

"Esta senhora sabe mesmo criar os filhos..."

Isto se dizia quando da notícia de uma salmoura, corretivos

de faltas infantis de que a criança não tinha consciência.
Humilhação maior, domínio sobre a criança, esta era não raro
amarrada com fio de linha na perna da mesa, o sadismo, sobretudo, da mãe.
Não amarravam o menino traquinas, levado,
dobravam a personalidade da criança.
(CORALINA, 1984, p. 102, grifo da autora).

Percebemos então que não só a poetisa como também as outras crianças eram tratadas com menor valia em comparação aos adultos. Eram assim desprovidos de muitas necessidades em respeito à dignidade, dentre elas o carinho e afeição necessárias na criação.

Outro exemplo importante de se destacar está no poema “Criança”, em que o eu lírico testemunha:

Entre os adultos, antigamente, a criança não passava
de um pequeno brinquedo. Não chegava a ser incômoda,
porque nem mesmo tinha o valor de incomodar.
(Ibid., p.104).

Neste caso, a poetisa não nos deixa dúvida quanto ao não consentimento para com a maneira de se criar os filhos na época e, mais que isso, deixa explícito que a ela própria coube muito mais rejeições do que requeriam os costumes. Por isso, afirma: "Digo sempre: 'Jovens agradeçam a Deus todos os dias' terem nascido nestes tempos novos..." (Ibid., p.122, grifo da autora).

A falta do pai talvez seja um dos pontos mais cruciais para entender essa infância angustiante, pois a mãe, que ficara responsável pela menina, não lhe deu a atenção desejada. É apenas por parte da bisavó, já citada anteriormente, que conseguimos perceber um grau maior de afeto em relação aos demais.

Dois dos poemas mais significativos para exemplificar esse sentimento em relação aos pais talvez sejam “Minha infância” e “Menina mal amada”.

No primeiro o eu lírico, como sugere o título, fala da infância. Inicia nos dando a informação de que a mãe teve quatro filhas, sendo ela a terceira delas e sempre considerada de menor importância. Logo mais afirma ter nascido quando o pai agonizava e morria. O eu lírico se diz "[...] triste, nervosa e feia. Amarela, de rosto empalorado. De pernas moles, caindo à toa" (CORALINA, 1980, p. 153). A poetisa segue contando as histórias que ouvia dos mais velhos, os xingamentos por parte dos familiares, dos brinquedos que ela mesma confeccionava feitos de telhas, panos, palmeiras entre outros utensílios. E desta forma os versos vão costurando um pensamento triste de uma criança que não recebia a devida atenção.

Expressões como "Chorona", "menina inzoneira" e "feia" aparecem durante toda a poesia, assim como "Essa menina é a cara do velho pai doente" ou "melhor fora não ter nascido", que vem a se repetir em outros poemas. Ao final escreve:

Sem Carinho de Mãe...
Sem proteção de Pai...
- melhor fora não ter nascido.

E nunca realizei nada na vida.
Sempre a inferioridade me tolheu.
E foi assim, sem luta, que me acomodei
na mediocridade do meu destino.
(CORALINA, 1980, p. 157).

Com esses versos o eu lírico nos dá a entender que após tudo que viveu, ouviu e suportou na infância, não conseguiu libertar-se da sensação de inferioridade que passou a carregar desde então. Podemos, aqui, retomar as palavras de Filloux (1983) quando afirma ser pelos comportamentos que se explica a formação da personalidade, pois como podemos perceber, a falta de carinho por parte da mãe provocou na menina uma sensação de desafeto e frustração. Ainda segundo o psicólogo, “as instituições relativas à maneira de criar os filhos são determinantes no processo de aculturação, na exata medida em que as experiências infantis estruturam indelevelmente a personalidade.” (FILLOUX, 1983, p. 64).

Isto é, a maneira que o indivíduo é tratado durante a infância sem dúvida muda nos comportamentos e nas crenças que ela venha a ter quando adulta. No caso do poema citado, o eu lírico deixa nítido que ao chegar à fase adulta, mesmo aparentando ter consciência de que foram os fatos vividos na infância que modificaram os pensamentos, não consegue libertar-se desta carga afirmando até mesmo ter se acomodado na mediocridade do destino.

Assim como no poema “Minha infância”, “Menina mal amada”, já inicia nos dando impacto a partir do próprio título, ao se autodeclarar como mal amada. Em versos, o eu lírico inicia contando que com menos de cinco anos foi levada à escola e a partir disso passa a usar termos como: "eu era medrosa, nervosa. Chorona, feia, de nenhum agrado, menina abobada, rejeitada." (CORALINA, 1984, p. 113). Ou seja, seus pensamentos a respeito de si mesma refletem tudo aquilo que ouviu de outros. E "ao passo que parece afirmar aquilo que se falou dela, ao escrever é como se ela se tornasse, pela palavra, outra. Em sua escritura, a poeta mostra-se atravessada pelo texto e não há como não se afetar por aquilo que repete ao recordar e que recorda ao repetir." (SIQUEIRA & CAMARGO, 2012, p. 59).

Segundo Chagas (2015)⁷ "quando nossa criança interior está com medo de ser humilhada ou desaprovada pelas pessoas à nossa volta, ela fica isolada e insegura." Percebemos que isso acontece ao eu lírico do poema, que a todo momento demonstra medo de não ser o suficiente. Prova disto é que prossegue afirmando que frustrou as esperanças da mãe dela, que teve o esposo entre a vida e a morte durante toda uma gestação; e esperava assim que nascesse um filho homem, o que não veio a acontecer. O eu lírico vem nesse momento repetir várias palavras ofensivas já apontadas anteriormente e acrescenta ainda aquela que é reiterada durante toda a sua obra: "retrato vivo de um velho pai doente". Diz, além disso, ter crescido sozinha e triste.

É cabível, lembrarmos as palavras de Filloux (1983), quando se remete ao indivíduo ainda na barriga da mãe. O autor frisa que o meio pré-natal pode ser definitivo e traumatizante para a criança, já que o bebê dentro do útero já pode sentir as vibrações passadas pela mãe e o meio onde vive.

Quando o eu lírico escreve:

Decorreu sua gestação com a doença irreversível de meu pai
desenganado pelos médicos.
Era justo seu desejo de um filho homem
e essa contradição da minha presença se fez sentir agravada
com minha figura molenga, fontanelas abertas em todo o crânio.
Retrato vivo de um velho pai doente, diziam todos.
(CORALINA, 1984, p. 113).

Conforme as informações da própria poetisa, a mãe passou toda a gestação cuidando do marido doente e que a mesma desejava infinitamente que viesse a nascer um menino. Percebemos então quão difícil pode ter sido a gestação e mais ainda os primeiros anos de vida, já que a criança ouvia constantemente se assemelhar a um velho doente.

É cabível lembrarmos também que a própria autora dos versos perdeu o pai pouco depois de nascida; e mais ainda que a mãe dela passou toda a gestação cuidando do marido doente, nos remetendo assim às concepções feitas por Oliveira (2012) e Remédios (2004), quando conceituam o *eu-personagem-alter-ego* e o/ou eu-outro respectivamente.

Na sequência do poema temos:

⁷ As citações de Chagas estão disponíveis no blog "Vivendo Psicologia e Saúde", Disponível em:<<https://fabiolachagas.wordpress.com/2015/01/31/a-influencia-da-infancia-na-vida-adulta/>>. Acesso em: 21. mar. 2017.

Minha mãe, muito viúva, isolava-se no seu mundo de frustrações,
ligada maternalmente à caçula do seu terceiro casamento.
Eu, perna mole, pandorga, moleirona, vencendo sozinha as etapas
destes primeiros tempos. Afinal, paramos *detraquê*.
(CORALINA, 1884, p. 116).

Aqui o eu lírico toma para si os adjetivos impostos por outros como uma verdade quando diz "eu, perna mole, pandorga, moleirona". Percebemos ainda que depois do nascimento da menina a mãe demonstra variados sinais de frustração. Se ainda segundo Filloux (1983), o ser humano desde o nascimento jamais deixa de se conduzir e é a partir do que vive durante a vida, com mais precisão na infância e adolescência, que se forma a personalidade, é justificável que o eu lírico se coloque como alguém frágil e rejeitado, já que eram essas as coisas que ouvia ao seu respeito.

Percebemos, que não só a mãe como outros familiares rejeitavam a presença da menina. Nos versos:

Minhas irmãs tinham medo que pegasse nelas.
Não me deixavam participar de seus brinquedos.
Aparecia na casa menina de fora, minha irmã mais velha passava o
[braço
no ombro e segredava: "Não brinca com Aninha não. Ela tem Cieiro
e pega na gente."
Eu ia atrás, batida, enxotada.
Infância... Daí meu repúdio invencível à palavra saudade, infância...
Infância... Hoje, será.
(CORALINA, 1884, p. 117, grifo da autora).

Observamos que as irmãs, por serem também crianças e ouvirem a todo o momento as palavras dirigidas à menina, ficavam a uma certa distância da mesma, fazendo-a sentir-se ainda mais sozinha que por essa razão Aninha afirma ao final não sentir saudades da época.

Em meio aos adultos da família, a bisavó do eu lírico é uma das únicas que aparecem nos versos como a que lhe proporcionava afeto, comprovando as sugestões já feitas anteriormente de que a mesma tinha a bisavó como a que não lhe rejeitava. Apesar das punições que por vezes a bisavó proporcionava, o eu lírico parece entender que era uma maneira de educá-la para a vida, pois havia ao final muito mais afeto do que dores. Segundo Filloux (1983, p. 64) "a criança tem necessidade de ser amada e aceita sem pesar as punições e frustrações desde que perceba essa afeição." Logo, por mais que existissem as punições, como é o caso do castigo imposto nos versos do poema "Prato azul pombinho", citado

anteriormente, havia demonstrações de amor que nas memórias do eu lírico superaram os episódios dolorosos.

Quanto aos outros adultos que não pertencem à família o eu lírico mostra hora afeição, hora rejeição. É o caso da Mestra Silvina, à qual são dedicados vários versos. No poema “A escola da Mestra Silvina” o eu lírico demonstra saudades e respeito.

Sempre que passo pela casa
me parece ver a Mestra,
nas rótulas.
Mentalmente beijo-lhe a mão.
" - Bença, Mestra,
E faço a chamada de saudade
dos colegas:
[...]. (p.63)

Porém fala também dos castigos impostos pela professora, que na época aplicava aos alunos malcriados o castigo da palmatória, objeto muito usado na época para disciplina dos alunos. Como escreve:

Estende a mão! Mão de Aninha, tão pequena!
A meninada, pensando nalguns avulsos para ele,
nem respirava, intimidada.
Tensa, expectante, repassada
Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias.
Aninha, estende a mão. Mão de Aninha, tão pequena.
A palmatória cresceu no meu medo, seu rodelo se fez maior,
O cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante
E o bolo estalou na minha mão obediente.
Só? Não. O coro do bando de meninos, a vaia impiedosa.
Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo...
A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta,
E, receosa de piores consequências, me mandou para casa, toda mijada,
Sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo.
(CORALINA, 1984, p. 115).

Logo mais Aninha conta que ao chegar em casa a bisavó a recebeu com metade de uma bolacha e disse-lhe palavras de conforto como "é pra o seu bem, pra ocê aprender, senão não aprende, fica burra, só servindo pra pilão." (CORALINA, 1984, p. 115). Sendo assim, a bisavó novamente justifica o castigo imposto a fim de fazer a menina entender que não acontecem esses episódios dolorosos em vão.

Ao que parece, apesar do castigo imposto ter lhe causando tanto medo e posteriormente vergonha pelo transtorno diante do fato acontecido, o eu lírico não guarda

rancor da professora, entendendo quando adulta que esta era uma forma da época de ensinar boas maneiras aos alunos. Compreensão que parece não se estender quando em questão estão acontecimentos que envolvem a mãe e as irmãs.

É sabido que Cora Coralina cursou apenas os primeiros anos da escola primária da qual inclusive a poetisa guarda muitas recordações já mencionadas. No entanto atentaremos aqui ao fato de que em dois de seus poemas encontramos traços de influências advindas de leitura de Freud, que sendo conhecido mundialmente como o pai da psicanálise possui estudos de grande valia para entender diversos fatores da psicologia.

Apesar de terem bastante importância são um tanto complexos. Isto implica dizer que apesar de poucos estudos, Cora Coralina na sua simplicidade de escrita nos traz indícios perfeitamente fáceis de associar aquele conteúdo.

Os poemas “Minha infância” e “Vintém de cobre”, incluídos respectivamente na primeira e segunda obra, trazem como subtítulo o termo "*Freudiana*". Ambos os poemas retratam as primeiras fases da vida do eu lírico, repetindo acontecimentos que ainda machucam ao serem lembradas na tessitura poética se faz.

No primeiro, como já citado anteriormente, a poetisa fala da morte do pai e, conseqüentemente da indiferença da mãe e das irmãs para com ela. O segundo fala através do vintém de cobre a pobreza da infância, recordando a escola, o pessimismo e novamente a indiferença de familiares.

Segundo Siqueira e Camargo (2012) a poetisa usa o termo *freudiana* em concordância com a teoria de Freud de que é preciso recordar os momentos que ainda machucam para só depois deixar cair no esquecimento. Observamos que em ambos os poemas o eu lírico narra fatos difíceis da vida, e a todo o momento se põe a repetir frases fortes e adjetivos dolorosos dados a ela. Neste caso, a poetisa

[...] repete uma fala familiar, ao mesmo tempo em que a desloca, porque, ao passo que parece afirmar aquilo que se falou dela, ao escrever é como se ela se tornasse, pela palavra, outra. Em sua escritura, a poeta mostra-se atravessada pelo texto e não há como não se afetar por aquilo que repete ao recordar e que recorda ao repetir. ao se tornarem palavras, podem voltar ao esquecimento, porque foram elaboradas e já não causam mais sofrimento. (SIQUEIRA & CAMARGO, 2012, p. 59).

A poetisa revive fatos do passado rememorando os momentos nos quais

[...] ao se tornarem palavras, podem voltar ao esquecimento, porque foram

elaboradas e já não causam mais sofrimento. O cantar a sua infância ou as experiências reprimidas de sua vida adulta constitui uma forma que está à disposição da poeta, para que ela possa ir esquecendo ou elaborando, pela palavra, o que deseja superar. (Ibid., 2012, p. 60).

Até então muito foi mencionado sobre a infância, porém é perceptível na obra traços da adolescência como também da vida adulta, ainda que na maior partes destes versos a infância seja mesmo tomada como referência.

Segundo D'Andrea (2001, p. 78) o adolescente tem necessidade de ser aceito por outros grupos além do grupo familiar, e normalmente isso acontece na escola, no bairro, nos passeios, etc., e pois o "o ego passa a contemplar-se no espelho dos outros e a autoestima, nesta fase, depende das solicitações sociais que lhes são feitas", Assim, quando não há aceitações e solicitações vindo de outros, a autoestima pode ser baixa.

Podemos rememorar aqui o poema "Menina mal amada" quando o eu lírico fala das irmãs que não a aceitavam e afastavam ainda outras meninas que viessem à casa, assim acontecendo também com os colegas da escola. No poema "Imaginários de Aninha (A roda)", ela chega a imaginar uma brincadeira de roda na escola onde pela primeira vez ela poderia ser aceita pelo grupo, já que era sempre tão quieta e calada, recebendo apelidos como inzoneira, que afirma nem saber o significado, mas que doía nela ouvir.

É importante ressaltarmos aqui que a poetisa, talvez mais que hoje "[...] vivia em uma sociedade patriarcal e machista." (BÔAS, 2009, p. 16), as mulheres da sua época tinham quase uma obrigação de arrumar um casamento e

[...] dentro desse sistema patriarcal e tradicional era esperado que se sujeitasse a superioridade masculina. Ao homem cabia o papel de independência, decisões racionais, competência, diligência e poderio. A mulher deveria seguir um modelo preestabelecido de emoção e sentimentalismo, sendo legitimadora do padrão machista. (BÔAS, loc. cit.).

Por conta disso, Aninha em vários momentos mostra-se com medo de não conseguir realizar tal ato. E nos versos do poema "Aquela gente antiga II", ela demonstra muito desse medo.

Aquela gente antiga explorava minha bobice.
Diziam assim, virando a cara como se eu estivesse distante:
"Senhora Jacinta tem quatro fulores mal falando.
Três acham logo casamento, uma, não sei não, moça feia num casa fácil."

Eu me abria em lágrimas, Choro manso e soluçando...
"Essa boba... chorona...Ninguém nem falou o nome dela..."
Minha bisavó ralhava, me consolava com palavras de ilusão:
Sim, eu casava. Que certo mesmo era menina feia, moça bonita.
E me dava a metade de uma bolacha.
(CORALINA, 1984, p. 53, grifo da autora).

Percebemos que a bisavó, mesmo com boas intenções concordava que a menina fosse feia, mas consolava-a dizendo que um dia poderia se tornar uma moça bonita. Nos últimos versos do poema, o eu lírico diz:

Certo que perdi a aparência bisonha. Fiquei corada.
e achei quem me quisesse.
Sim, que este não estava contaminado dos príncipes goianos,
de que moça que lia romance e declarava Almeida Garrett
não dava boa dona de casa.
(CORALINA, loc. cit.).

Sabemos que biograficamente Cora Coralina veio a casar-se com um advogado que não era da cidade e os dois fugiram para São Paulo. O caso é que segundo D'Andrea (2001), o ego é formado pelas relações do dia a dia, conseqüentemente, a personalidade da menina foi construída em torno de negatividades sobre o mundo e sobretudo si própria, fazendo-a até mesmo concordar que possuía um rosto "bisonho" na adolescência.

É bom lembrarmos também que passada essa infância e adolescência Cora Coralina casada e longe da terra natal tornou-se doceira, dona de casa e mãe de seis filhos, sobrevivendo apenas quatro. Depois de muitos anos retorna a Goiás e só a partir daí dedica-se de fato aos escritos.

Vários de seus poemas retratam essa volta a Goiás e os aprendizados que trouxe consigo. Cora Coralina utiliza-se de um eu lírico que busca reescrever um passado a fim de se encontrar no presente. Nas palavras de Siqueira e Camargo (2012, p.61),

[...] isso nos permite dizer que a repetição de temas na poesia de Cora pode estar no fato de que essa anciã tenta se reconhecer nos fragmentos que se refletem no espelho de sua memória, numa dicotomia entre a forma como ela se vê e a forma que ela recalçou daquilo que falavam sobre ela.

Temos então uma poetisa que através dos poemas busca encontrar sua essência e para isso é preciso que antes de tudo relate de forma ficcional momentos vividos que deixaram traumas e que acima de tudo ajudaram a formular um pensamento sobre si mesma, e sobre o mundo, formando assim sua personalidade. Isso pode ser observado através dos versos do

poema, “Meu vintém perdido”, quando o eu lírico se indaga sobre as razões de ter voltado.

Que procura você, Aninha?
Que força a fez despedaçar correntes de afetos
e trazê-la de volta às pedras lapidares do passado?
Sozinha, sem medo, vinte e sete anos já passados...
Meu vintém perdido, meu vintém de felicidade.
Capacidade maior de ser eu mesma, minha afirmação constante.
Caminheira, caminhando sempre.
nos meus pés pequenos,
meus chinelinhos furados.
Tão escura a noite da minha vida...
Indiferentes ou vigilantes,
Tanto tropeço.
Na frente, marcando o caminho a candeia apagada.
(CORALINA, 1984, p.61).

Ainda neste poema o eu lírico tenta encontrar explicações para sua volta, como "Procuro minha escola primária e a sombra da velha mestra", e diz ainda que ao morrer ficará ainda viva nas memórias escritas no livro que tirou da solidão "sem ajuda e sem esperança."

Um fato que nos chama bastante atenção é que apesar de suas recordações a todo o momento nos levar a uma infância triste e que, como a mesma ressalta, não lhe traz saudades, quando adulta em alguns versos se mostra alguém forte e cheia de esperanças. Em exemplo dos poemas “As espigas de Aninha”, e “Ofertas de Aninha” quando dizem, respectivamente:

A estrada da vida
pode ser longa e áspera
Fala-a mais longa e suave.
Caminhando e cantando
Com as mãos cheias de sementes.
(Ibid., p. 140).

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
(Ibid, p. 144).

Porém, tendo em mente outros escritos da poetisa, podemos nos indagar se de fato o eu lírico possuía toda essa positividade descrita nestes versos. É possível que ao descrever esses sentimentos Aninha estivesse tentando se libertar de pensamentos negativos e infiltrar

em sua própria mente entusiasmo e perseverança para com os dias que ainda o restam. Porque, se não, vejamos os versos do poema “Confissões repartidas”.

Quem dera a mim esse poder, desfaçatez, coragem de dizer verdades...
Quem as tem? Só louco varrido que perdeu o controle das conveniências.
Conveniências... palavras assim de convênio, de todos combinados,
força poderosa, recriando a coragem, encabrestando a vontade.
Conveniência... irmã gêmea do preconceito, encangados os dois,
puxando a carroça pesada das meias verdades.
Confissões pela metade...
Quem sou eu para as fazer completas?

Reservas profundas, meus reservatórios secretos, complexos,
fechados, ermos, compromissos íntimos e preconceitos vigentes, arraigados.

Algemas mentais, e tolhida, prisioneira, incapaz de despedaçar a rede
onde se debate o escamado da verdade...
Qual aquele que em juízo são, destemerosos dos medos
para dizer mais do que as meias dissimuladas, esparsas?

A gente tem medo dos vivos e medo dos mortos.
Medo da gente mesmo.
Nossas covardias retardadas e presentes.
Assim foi, assim será.
(Ibid., p.147)

Nos versos, citados, o eu lírico parece confuso e um tanto cansado em lutar contra esse pessimismo que lhe cerca durante toda uma vida.

Por fim, já vimos que a maneira de tratarmos as crianças acarreta mudanças nas suas vidas, e sendo assim podemos entender também como a autora se utilizou dos versos numa espécie de desabafo ou libertação de lembranças, fazendo da vida um acontecimento único, nos instigando também a pensarmos mais nas pequenas coisas e acreditarmos em dias melhores, mesmo quando as dificuldades nos afligem.

E Cora Coralina, mesmo em meio a tantos desafios vividos, sejam eles físicos ou psicológicos, conseguiu conquistar um lugar na sociedade e na literatura. Ela escreve obras em que se desfaz de pensamentos negativos através de um lembrar para esquecer, como sugerem as teorias de Freud, citadas por Siqueira e Camargo (2012).

Em torno das informações, podemos dizer que Cora Coralina, antes mesmo publicar qualquer escrito já fazia da vida uma poesia e através disso conseguiu transportar ao leitor uma série de sentimentos norteadores da própria personalidade, formada no decorrer da vida e transportados para os textos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos aqui que os trabalhos sobre memória e personalidade quando submetidos às obras da poetisa Cora Coralina são de bastante significância para os estudos literários, visto que a poetisa além de traçar suas memórias de vida, em formas de versos, vai nos apresentando também sobre como se sentia em torno da infância e, mais ainda, como os fatos vividos por ela influenciaram na sua personalidade bem como nas decisões tomadas no decorrer da vida.

Percebemos ainda através dos poemas analisados que as memórias da poetisa são registradas de forma individualista, que segundo Bosi (1994) são memórias nas quais mesmo vividas em coletividade apresentam-se de forma individual em cada indivíduo.

Em respeito às análises literárias que norteiam o campo psicanalítico, percebemos que a poetisa possuiu uma infância de poucas regalias, como tantas outras crianças da época, mas que se sentia ainda mais desamparada do que as demais, incluindo as irmãs que para ela eram providas de afeições das quais não tinha direito.

Esses momentos transfigurados para a personagem Aninha, no intuito de recriar histórias de vida, supostamente influenciam no modo de ver a vida, a si própria e aos outros. E quando o eu lírico neste caso se põe a falar sobre assuntos que ainda machucam no intuito de, como sugerido por Siqueira e Camargo (2012), expulsar os sentimentos e prosseguir com a vida acreditando em dias melhores.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. **Na minha vida, a vida mera das obscuras: as representações do eu e de outros espaços em Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, de Cora Coralina. 2013. 72 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Goiás, Catalão – Go, 2013.

BÔAS, Iêda Vilas. **A mulher-poeta e suas múltiplas vozes**. 2009. 129 f. Monografia (Especialização) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Brasília, 2009.

BORGES, Claudia. Ferreira de Paula. Tem(po)esia: O tempo na poesia lírica moderna. **Fazu**, Uberaba, v. 5, n. 5, p.109-113, maio 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SANTOS, Robson dos. Representações sociais do rural na poética de Cora Coralina. **Hispanista**, v. 10, n. 38, p. 1-14, jul./ago./set., 2009.

_____, Clovis Carvalho. **Sou paranaíba pra cá: Literatura e sociedade em Cora Coralina**. 2006. 190 f. Monografia (Especialização) - Curso de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

CORA Coralina: vida e obra. Direção: Rosa Berardo. Intérpretes: Georgia Clarice da Silva; Camila Siqueira Bandeira; Patrícia Tuxi; Virgílio Soares. Roteiro: Rosa Berardo. Goiás: Museu Casa de Cora Coralina, 2015. 1 DVD (11 min.), son., color. Legendado.

_____. Produção: **Programa Gyn Teen**. Documentário, (6min)". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2-cMBCf6OfI>>. Acesso em: 01.dez.2016.

_____. Produção: **Editora Global**. Documentário, (6min)". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q7s3ja7KsC0>>. Acesso em: 07.dez.2016.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 2. ed. Goiânia: UFG, 1984.

_____, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 2. ed. Goiânia: UFG, 1980.

_____, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 20. ed. São Paulo: Global, 2001.

D' ANDREA, Flávio Fontes. **Desenvolvimento da personalidade: Enfoque psicodinâmico**. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

D' ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática Universidade, 2007.

DENÓFRIO, Darcy França (Org.). **Cora Coralina**. São Paulo: Global, 2012.

Dicionário Aurélio on-line. Disponível em:<<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 20.dez.2016.

Drummond: testemunha da experiência humana.

Disponível em:<<http://www.projetomemoria.art.br/drummond/vida/>>. Acesso em: 14. jan. 2015.

Fabíola Chagas. A influência da infância na vida adulta. Disponível em:<<https://fabiolachagas.wordpress.com/2015/01/31/a-influencia-da-infancia-na-vida-adulta/>>. Acesso em: 21.mar.2017.

ERIKSON, Erik. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FILLOUX, Jean Claude. **A personalidade**. 4. ed. Rio de Janeiro. Difel, 1993.

LIMA, Elvira Souza. **Como a criança pequena se desenvolve**, Rio de Janeiro: Sobradinho, 2001.

MELO, Maria Ivone Souza. **Rastros do vintém perdido**: uma história de leitura na poesia de Cora Coralina. 2011. 105 f. Monografia (Especialização) - Curso de Letras, Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2001.

_____, Maria Ivone Souza. Moinho do tempo: todas as vidas em Cora Coralina. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p.152-159, jul. 2011. MELO, Maria Ivone Souza.

Minibibliotecaldas. Disponível em:<<http://caldasminibibliotecas.blogspot.com.br/2014/06/a-doce-cora-coralina.html>>. Acesso em 13. Mar. 2017

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: poesia. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

MUSEU CASA DE CORA CORALINA. Disponível em:<www.museucoracoralina.com.br>. Acesso em: 12.fev.2017.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, **Maringá**, v. 11, n. 2, p. 427-436, mai. 2006.

OLIVEIRA, Paulo Wagner Moura de. **Ficções de uma poesia autobiográfica**. 2012. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós Graduação de Estudos e Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

PIAGET, Jean. **A Construção do real na criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

REIS, Claudia Barbosa. Cora Coralina e sua casa silenciosa. **Ufg**, Goiás, v. 1, n. 11, p. 120-127, dez. 2011.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. **O empreendimento autobiográfico**. In: As pedras e o arco, fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SABINI, Marco Aparecida Cória. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTORO, Fernando. Sobre a estética de Aristóteles. **Viso**: Cadernos de estética aplicada, v. I, n. 2, mai- ago/2007, p. 1-13.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Recordar e Esquecer: a Elaboração Freudiana na Poesia de Cora Coralina. **Gláuks**, Goiás, v. 12, n. 2, p.56-64, 2012.

TELES, José Mendonça. **No santuário de Cora Coralina**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2001.

ZAGURY, Eliane. **A escrita do eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.